

SOLIDARIEDADE QUE TECE REDES: AS ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO E RECRIAÇÃO CAMPONESA NOS ASSENTAMENTOS DO ALTO SERTÃO PARAIBANO¹

Valeria de Marcos – UFPB – demarcos.valeria@terra.com.br

Introdução

O desenvolvimento do modo capitalista de produção no campo brasileiro tem se dado de modo desigual e contraditório: ao mesmo tempo em que o capital se expande por alguns setores da agricultura estabelecendo relações capitalistas de produção, contraditoriamente, cria/recria relações não-capitalistas de produção no campo, entre elas as relações camponesas de produção (Oliveira, 1987, 1992, 2004). Assim, contrariamente ao defendido pelas teses clássicas, o avanço do capitalismo no campo brasileiro, ao invés de promover o completo desaparecimento do campesinato, abre a possibilidade de sua (re)produção e (re)criação no seu interior. Tal (re)produção/(re)criação tem se dado, em muitos casos, através da busca/criação de caminhos que garantam sua autonomia e liberdade e não através da total subordinação/dependência à lógica capitalista que o cria/recria, como tem sido afirmado por teóricos como Abramovay.

Um destes caminhos tem sido o retorno à terra, através da luta pela reforma agrária, contando para isto com o apoio dos movimentos sociais organizados no campo, como

¹ Os dados presentes neste artigo são os resultados parciais de meu atual projeto de pesquisa em andamento intitulado **Agricultura para o futuro: práticas alternativas de agricultura camponesa na ótica do desenvolvimento local auto-sustentável**, em realização junto ao Depto. de Geociências CCEN UFPB. O primeiro trabalho de campo foi realizado em março de 2006, sendo previsto um novo no início do próximo semestre. O sub-projeto *O uso da mandala no Assentamento Acauã, em Aparecida-PB* conta com uma bolsa de iniciação científica junto ao Programa PIBIC CNPq/UFPB.

o MST, a CPT – que na Paraíba pode ser caracterizada como um verdadeiro movimento social – entre outros. Nos assentamentos rurais, estes camponeses têm enfrentado uma luta ainda maior: aquela pela reprodução. Tais dificuldades, porém, têm servido de estímulo à busca de caminhos que garantam a reprodução sem sujeição. E é justamente onde as dificuldades são maiores que nascem as mais interessantes experiências de reprodução camponesa calcada na solidariedade, na liberdade, na autonomia e na retomada da (u)topia camponesa da coletividade. Neste sentido, os assentamentos Acauã (Aparecida-PB), Frei Damião e Santo Antonio, (Cajazeiras-PB), todos no alto sertão paraibano e ligados à CPT-Sertão, são palco das mais importantes experiências de reprodução sem sujeição. É no seio destes assentamentos que encontramos a **experiência de autogestão** de Associação, como a do Assentamento Acauã; a criação dos **bancos de sementes da paixão**; a **socialização camponesa** através do trabalho das crianças nos **viveiros de mudas**; os **cultivos agroecológicos**; as **feiras agroecológicas**; as **farmácias vivas**; a apicultura; a discussão sobre o uso racional da água, sobre educação, saúde e alimentação dos camponeses assentados.

Estas experiências, espalhadas por outras áreas no alto sertão paraibano, foram organizadas pela CPT-Sertão e pela ASA (Articulação do Semi-Arido) através de **redes** cuja ação pode ser observada tanto no interior da própria atividade quanto na interligação entre elas. O objetivo é a busca de experiências simples e de resultado, auto-sustentáveis, que permitam o respeito ao ambiente e a *convivência com a seca* em condições mais dignas. A organização destas redes é uma clara demonstração de que o coletivo não só *faz parte da lógica da recriação camponesa*, quanto de que ele é *o caminho mais curto para a construção de um território camponês de liberdade, autonomia e solidariedade*. É destas experiências, e da ação destas **redes** na *construção coletiva do território camponês autônomo, livre e solidário*, que passarei a tratar.

A ASA Brasil e as estratégias de convivência com o semi-árido

A ASA (Articulação no Semi-Árido) é um Fórum Social que surgiu na Paraíba na década de 1970, numa tentativa de se buscar alternativas para as dificuldades encontradas nos momentos de secas prolongadas. Nesta época já se pensava em alternativas de *convivência* com o semi-árido, mas a discussão a nível nacional só se fortaleceu nos anos 1990, sendo a criação da ASA nacional de julho de 1999².

A partir da criação da ASA muda-se o foco das ações no semi-árido: de *combate*, passa-se a falar em *convivência com a seca*. A mudança de perspectiva é clara e envolve duas questões fundamentais. Uma, aquela de que não há o *que* combater: a seca é uma realidade, não um inimigo. É necessário, pois, estar preparado para *conviver* com ela, buscando alternativas endógenas – e esta é a segunda questão – e não mais a repetição de modelos exógenos que não se adequam à realidade do semi-árido. O documento que melhor expressa esta idéia é a Declaração do Semi-Árido, onde estão presentes as idéias: de fortalecimento da agricultura camponesa, eixo central da estratégia de convivência com o semi-árido; de busca da segurança alimentar da região, a ser alcançada a curto prazo; do uso de tecnologias e metodologias adaptadas ao semi-árido e à sua população; da universalização do abastecimento de água para beber e cozinhar; da articulação entre produção, extensão, pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico adaptado às realidades locais e do acesso ao crédito e aos canais de comercialização, como meios indispensáveis para ultrapassar o estágio da mera subsistência.

Na Paraíba a ASA está presente nas cinco micro-regiões que compõem o semi-árido paraibano: Médio Sertão, Alto Sertão, Agreste, Cariri e Curimataú. Ela atua através de

² Em novembro de 1999 a ASA organizou um encontro paralelo à 3a Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação e à Seca, COP3, patrocinada pela ONU. Participaram do evento – que contou com vários eventos como seminários, exposições, encontros, oficinas, conferências, exibições de vídeos, apresentações artísticas e culturais – diversas entidades dos cinco continentes. O Fórum obteve grande repercussão nacional e internacional, dando visibilidade às questões do semi-árido brasileiro.

grupos temáticos, as **redes**, que correspondem às diferentes experiências de *convivência com o semi-árido*, a saber: **Rede Abelha**, **Rede de Cultivos Agroecológicos**, **Rede Sementes**, **Rede Educação**, **Rede Saúde e Alimentação** e **Rede Água**. Cada uma destas **redes** possui composição, área de abrangência, princípios, missão e atividades determinadas, mas todas têm como função principal a implementação de atividades que visam a auto-sustentabilidade camponesa no semi-árido. Através de encontros bimestrais as **redes** trocam informações e avaliam os problemas enfrentados e o trabalho realizado por cada uma delas junto às comunidades, bem como planejam as atividades para o bimestre seguinte.

Um dos exemplos mais emblemáticos da ação da ASA é o Programa Um milhão de Cisternas – o P1MC. Trata-se de um programa que prevê a construção de um milhão de cisternas para o armazenamento de água de chuva para consumo humano. O programa, lançado em julho de 2003, deve ser executado em cinco anos³. Trata-se de um modo simples e barato de armazenar água potável, que já melhorou a vida de milhares de camponeses sertanejos. Além de melhorar as condições de saúde e vida dos sertanejos, o P1MC estimula a solidariedade e a autonomia das comunidades camponesas.

O programa conta com recursos do Ministério do Meio Ambiente e da Unicef, mas os camponeses devem restituir a um *fundo rotativo solidário* 50% do valor das cisternas, em parcelas de R\$ 5,00 mensais. A idéia é estimulá-los a fazer uma poupança coletiva e a utilizar o dinheiro arrecadado na construção de novas cisternas, na realização de reparos naquelas já existentes ou em outro uso que a comunidade julgar necessário. A única exigência é que o dinheiro seja aplicado em obras que beneficiem toda a comunidade que participa do *fundo*. Com esta iniciativa procura-se romper com os laços de dependência da comunidade com relação aos recursos públicos, bem como a

³ Só na Paraíba o programa já beneficiou mais de 5200 famílias (dados Encontro das Redes, março/2006).

estimula-los a buscar a autonomia e a auto-determinação na condução dos próprios destinos.

Atualmente participam da ASA cerca de 750 entidades dos mais diversos segmentos, como das igrejas, ONGs, Associações de Trabalhadores rurais e urbanos, Associações Comunitárias, Sindicatos e Federações de Trabalhadores Rurais, Movimentos Sociais e Organismos de Cooperação Internacional Públicos e Privados. As experiências são as mais diversas, todas de baixo custo e grande impacto quanto à melhoria da vida dos camponeses sertanejos.

As experiências de reprodução camponesa no semi-árido paraibano

Um dos primeiros exemplos de resultados de sucesso nos assentamentos estudados é a experiência de **autogestão do Assentamento Acauã**⁴. Localizado no município de Aparecida, no Alto Sertão paraibano, o Assentamento Acauã surgiu em outubro de 1996, após seis despejos e quase um ano após a primeira ocupação. Possui 114 famílias assentadas e uma área de 2.751,93 ha.

De acordo com depoimentos de integrantes do assentamento, no início a fazenda possuía uma grande quantidade de pastagem. Mantendo a experiência coletiva do acampamento, o primeiro passo foi a criação de uma comissão para administrar o pasto. A participação era livre: quem se dispusesse deveria apresentar-se à assembléia, que votaria pela aprovação ou rejeição do nome. As comissões eram compostas por no máximo cinco pessoas, para não dificultar os trabalhos. Uma vez criada, a comissão passava a funcionar, sendo responsável pela boa condução da atividade, estabelecimento de regras de uso/condução e solução dos problemas mais simples. Aqueles mais complexos eram discutidos na assembléia, com todos os envolvidos. No decorrer do tempo algumas pessoas foram desistindo, foram

⁴ Meus agradecimentos especiais aos camponeses assentados em Acauã, em especial a Socorro Govea e Antonio da Viúva pelas entrevistas cedidas sobre a história e organização do Assentamento Acauã.

aparecendo algumas dificuldades, pois ninguém tinha o costume de administrar, mas a experiência frutificou...

Com a liberação de crédito, o assentamento comprou um caminhão e foi criada uma comissão para administrar o caminhão. Em seguida surgiu um projeto de investimento para caprinocultura, o assentamento comprou um trator e foi criada uma nova comissão para administrar o trator e outra para administrar o plantel de caprinos. Logo surgiram outros grupos, como os grupos de jovens, de pastoral, de mães, e com eles novas comissões. Cada comissão tem uma pessoa da Diretoria da Associação – que também se organiza em comissões – que atua na assessoria, para que estas não estejam totalmente desvinculadas das decisões assumidas pelo coletivo. Os problemas mais fáceis são resolvidos pelas próprias comissões, os mais difíceis são resolvidos em assembléia envolvendo os grupos diretamente interessados. Somente para os casos que envolvam todo o assentamento é que se convoca uma assembléia geral.

A idéia de dividir as responsabilidades surgiu da necessidade de estimular todos a participar, de modo a que não ficasse tudo sob a responsabilidade da Diretoria da Associação: a comunidade era grande e era preciso envolver todos, do contrário, seria como ter um patrão novamente. A idéia pode ser buscada na vivência nas Pastorais que o grupo da CPT Sertão que acompanhou aqueles camponeses e que se assentou também em Acauã trazia: *“O grupo que veio de fora veio de base, então não tinha como fazer diferente. Era mais fácil fazer isso do que mandar. (...) A gente queria distribuir a socialidade, distribuir funções, dividir a responsabilidade, mas não mandar”*⁵.

O início foi difícil porque as pessoas não entendiam o processo, mas a intenção do grupo era dar oportunidade e condição a todos para se especializarem, se

⁵ Depoimento de Antonio da Viúva, Assentamento Acauã, Aparecida-PB, em entrevista realizada em março/2006.

capacitarem para, no futuro, ter lideranças com condições de administrar o assentamento e os recursos que apareciam, ter autonomia para decidir os próprios caminhos da melhor forma possível. Tudo era novidade para todos: administrar um assentamento daquele tamanho, os recursos que chegavam, os projetos de investimento e custeio que surgiam... Alguns opuseram uma certa resistência, sobretudo aqueles que esperavam que outros fizessem e que, de repente, se viram convocados a assumir sua parte de responsabilidade. Mas as dificuldades foram enfrentadas com coragem e determinação e os resultados são vistos ainda hoje: o assentamento é referência no Alto Sertão paraibano e a forma de condução foi difundida com sucesso para outras áreas de assentamentos vizinhas.

Um bom exemplo de construção da coletividade foi a elaboração do projeto de caprinocultura, que envolveu 79 das 114 famílias assentadas. O projeto hoje não existe mais, mas seus resultados ainda podem ser vistos no assentamento: durante muito tempo as famílias foram alimentadas com o leite das cabras. Quem desistiu da caprinocultura porque não tinha aptidão para a atividade, vendeu e comprou uma vaca, uma moto, transformou a cabra em algo de seu interesse. Com o dinheiro do projeto foi comprado um trator que ainda hoje corta as terras do assentamento e de fora. E o resultado mais importante: o sucesso do projeto estimulou as trinta e cinco famílias que haviam ficado de fora a ingressarem no novo projeto de investimento.

Uma outra prova de que a construção da coletividade é o caminho da autonomia camponesa nas áreas de assentamento pode ser visto no novo projeto de investimento para Acauã: O projeto agora é diversificado, respeitando a vontade de cada camponês. Foi difícil convencer os técnicos, já que não existia essa prática nem de realização nem de financiamento de projetos diversificados, mas o grupo manteve sua posição e conseguiu fazer valer sua vontade. Cada família assentada chegou com suas idéias, suas expectativas, e os técnicos foram elaborando o projeto. São previstos recursos para a criação de galinha, caprino, ovino, bovino, máquinas para o

trabalho na terra, arame para cercar os lotes⁶. Foi criada uma central para assistência técnica para as áreas de assentamentos rurais, a CAAASP – Central das Associações dos Assentamentos do Alto Sertão Paraibano –, e foi implantada essa nova visão de assistência técnica. Acauã é a prova de que somente a construção do coletivo é possível garantir a *construção*, igualmente *coletiva*, do *território camponês autônomo, livre e solidário*.

As outras experiências alternativas de reprodução camponesa sem sujeição fazem parte do trabalho da ASA em conjunto com a CPT, a CAAASP e outras entidades que atuam no Alto Sertão Paraibano em busca de alternativas auto-sustentáveis de convivência com a seca. Merece destaque a experiência das **Sementes da Paixão** coordenada pela **Rede Sementes**. Na Paraíba são 228 bancos de sementes localizados em 51 municípios do estado, 99 dos quais localizados em 27 municípios no Alto Sertão. São cerca de 17 mil quilos de sementes armazenadas em 154 silos e inúmeras garrafas PET, o jeito mais simples e fácil de armazená-las. E estes números não param de crescer⁷. O principal objetivo é o do resgate das sementes crioulas, as **sementes da paixão**, e o combate às sementes híbridas e transgênicas, garantindo assim a autonomia camponesa.

Em Acauã, o **Banco de Sementes** – o terceiro da Paraíba⁸ – começou ainda durante o acampamento, com dezoito famílias que decidiram depositar cinco litros de feijão e dez de milho, sempre de semente selecionada, no **Banco de Sementes**. Dali pra

⁶ Antonio da Viúva lamenta a utilização do arame, alegando que poderia ter sido usado cerca viva, mas aceita a decisão da maioria. Festeja, porém, a inexistência de máquinas para pulverizar entre os equipamentos que foram adquiridos pelos camponeses, uma clara demonstração de mudança da mentalidade dos camponeses, uma sensibilidade maior com as questões ambientais e da própria saúde e uma abertura maior à agroecologia. Esse fato também foi observado em campo. Poucos foram os camponeses entrevistados que alegavam ainda usar o veneno nas plantações. Muitos deles tinham consciência dos efeitos nocivos do agrotóxico para a própria saúde e a maioria daqueles que ainda utilizavam o agrotóxico nas plantações pagava a terceiros para a pulverização da lavoura.

⁷ Os dados são de março de 2006, obtidos durante a realização do Encontro das Redes realizado na sede da CPT-Sertão em março de 2006, na ocasião em que o trabalho de campo da pesquisa já citada estava sendo realizado.

⁸ O primeiro Banco de Sementes foi criado no Assentamento Três Irmãos, próximo ao município de Antenor Navarro. O segundo em Guaraci, no Vale do Piancó.

frente a experiência só cresceu, contando atualmente com cerca de cinquenta famílias, duzentos e cinquenta pessoas beneficiadas. A cada novo depósito e novo ingresso de camponês ao banco a quantidade de sementes aumentava e o **Banco** foi muito importante durante os períodos de seca, ocasião em que chegou a emprestar toda a semente, utilizada por muitos para comer não para plantar. As principais sementes armazenadas são de feijão, milho, arroz e gergelim. As regras de funcionamento do **Banco de Sementes** são estabelecidas pelo Estatuto. Cada vez que alguém retira semente do banco deve restituir com acréscimo de 20% para o milho e 10% para o feijão. O objetivo é o de aumentar a quantidade de sementes armazenadas para poder auxiliar outros camponeses. Quando o camponês associado não consegue pagar o débito em um ano ele pode pagar no ano seguinte. Nem todos saldam seus compromissos e isso pode comprometer o funcionamento do **Banco**, cuja condução fica sob a responsabilidade de uma comissão aprovada pela Assembléia da Associação e com a duração de dois anos.

A **Rede Sementes** atua estimulando a difusão da experiência através da criação de novos bancos. São realizados cinco encontros anuais, onde são discutidos os problemas enfrentados pelos **Bancos** implantados e planejadas a criação de novos. O trabalho dessa **rede** é fundamental para a produção camponesa, pois além de proporcionar sementes de qualidade para o plantio e garante a autonomia camponesa:

*“Simente da paixão porque ela é uma simente que a pessoa é apaixonada por ela. Éh! Apaixonada! A simente que a gente conseguiu dos bisavós da gente, passou pros avós, dos avós passou pros pais, e nunca dá descaminho a ela. Hoje nós aqui trabáia assim, eu acunseio! Veja bem, se falta um quilo de feijão pro agricultor plantar, aí ele vai lá pra feira comprar aquele quilo de feijão pra plantá! Agora se ele tem no banco de simente ele num vai comprá, ele vai pegá no banco de simente, que a simente já é selecionada, é, tá sabendo que a simente é da paixão (...). É por isso que nós chama **simente da paixão** porque é aquela semente que é produzida na terra e na colheita ela volta pro banco de simentes”⁹*

⁹ Depoimento do Sr. José Lopes, responsável pelo **Banco de Sementes da Paixão** no Assentamento Acauã, em entrevista realizada em março/2006.

Outra rede importante é a **Rede Cultivos Agroecológicos**, cuja missão é a busca da segurança alimentar e da preservação do meio ambiente. Nesta rede são encontradas várias experiências que remetem à valorização dos *saberes locais*, ao incentivo ao trabalho coletivo e ao uso da agroecologia como nova filosofia de vida. Constituem-se como projetos da **Rede Cultivos Agroecológicos** a **feira agroecológica**, o **viveiro de mudas**, a **farmácia viva** e as **mandalas**¹⁰.

Destas experiências merece destaque a do **viveiro de mudas**, realizada pelas crianças e adolescentes, numa clara iniciativa de socialização camponesa e de integração dos mesmos no assentamento. A experiência existe nos três assentamentos citados, sendo a de Acauã aquela pioneira. No assentamento Frei Damião o **viveiro** surgiu em outubro de 2003, a partir de uma visita àquele de Acauã, e envolveu seis crianças e oito adolescentes, dos cinco aos vinte anos de idade.

Primeiramente o **viveiro** foi construído próxima ao rio, tendo permanecido ali por dez meses. Diante da dificuldade de acesso e de falta d'água, em julho de 2004 ele foi transferido para uma área central na agrovila, nas terras contíguas à da casa da responsável pelo viveiro. A experiência contou com o apoio da CPT, CAAASP, da ASPTA e do próprio Assentamento Acauã.

Entre as atividades, as crianças e adolescentes preparam as terras, fazem os saquinhos, plantam as sementes, fazem enxerto, separam as mudas, regam, transferem as mudas de um local para outro, de acordo com o estágio de crescimento e a necessidade de radiação que devem receber. Entre as mudas cultivadas encontram-se a *Glicídia* (forragem animal), *Leucênia* (forragem animal e uso fitoterápico como cicatrizante), *Nim* (defensivo natural), *Sabiá* (cerca viva), *Caju*, *Carambola*, *Jaca*, *Umbu-Cajá*, *Mamão*, e várias plantas medicinais, como *Anador*, *Hortelã* e *Malva*. As mudas são normalmente vendidas e com o dinheiro obtido já

¹⁰ Infelizmente por questões de espaço não será possível tratar de todas elas. Sobre as *mandalas*, aconselha-se MARCOS (2005). As demais experiências serão aprofundadas oportunamente.

foram adquiridos material escolar para as crianças, presentes para o natal, foi elaborada uma camiseta com a logomarca **Viveiro de Mudas** bem como foram custeadas as próprias visitas de intercâmbio. Algumas vezes são doadas mudas para novos assentamentos ou para ocasiões especiais, como a Romaria da Terra. O sucesso da experiência foi responsável pelo seu crescimento: hoje são cerca de dezessete participantes, onze crianças e seis adolescentes.

As plantas medicinais são cultivadas também nas **farmácias vivas**, sob responsabilidade das mulheres. Além de cultivar as plantas em áreas comunitárias, o grupo prepara sabonetes, xampus e lambedores que são comercializados no próprio assentamento ou na **feira agroecológica**. A atividade é acompanhada também pela **Rede Saúde e Alimentação**, vinculada à Comissão da Pastoral Criança. O objetivo é o de garantir a saúde da comunidade a partir da conscientização da necessidade da higiene e da boa alimentação das famílias. São realizados cursos que auxiliam na nutrição familiar e na higiene do lar, onde as mulheres aprendem a preparar remédios caseiros, detergentes domésticos e a *multimistura*¹¹, reduzindo os gastos e aumentando indiretamente a renda da família.

A **Rede Água** tem como principal foco de ação a busca de alternativas hídricas como barragens subterrâneas, barreiros, trincheiras, tanques de pedra, poços, barragens, bombas populares, bombas bola de gude e as cisternas de placas do P1MC. A **Rede Abelha** é composta por apicultores dos assentamentos rurais que buscam, na produção do mel, uma alternativa de renda. Ao todo são 15 comunidades com 66 famílias envolvidas em seis municípios no Alto Sertão. É prevista a introdução do mel na merenda escolar bem como a criação de uma *Casa do Mel* para beneficiamento, envazamento e comercialização do produto. A **rede** fornece cursos de capacitação,

¹¹ Composto alimentar usado na alimentação das crianças desnutridas, à base farinha de gergelim, de castanha de caju e de amendoim, folha de macaxeira, sementes de jerimum e girassol e farelo de trigo.

auxilia na implantação das colméias e auxilia na conservação do meio ambiente incentivando a não utilização de agrotóxico, que causa a morte das abelhas.

Para seguir, não para concluir...

As experiências tratadas no presente trabalho são a demonstração clara de que os camponeses já encontraram o seu próprio caminho e assumiram o controle do próprio destino na construção de um *território camponês de/com autonomia, liberdade e solidariedade*. São a prova de que é possível pensar em *um outro futuro para agricultura*, livre de transgênicos e agrotóxicos, repleto de solidariedade e de histórias, não apenas de *sementes, que apaixonam...* As “sementes” foram lançadas! Que seja esta a *propícia estação* para se *fecundar* um *chão* efetiva e definitivamente camponês.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. **De camponeses a agricultores**. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 354f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Depto. de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1990.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1987, 88 p.

_____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991, 164 p. il.

_____. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Revista Terra Livre**. São Paulo, a. 19, v. 21, n. 21, p. 113-156. Jul/dez 2003.

MARCOS, V. de. **Comunidade Sinsei (u)topia e territorialidade**. 1996. 400f. (Dissertação, Mestrado em Ciências Humanas: Geografia Humana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. **Alternative per la produzione agricola contadina nell'ottica dello sviluppo locale autosostenibile**. 2004. 626 p. Tese (Dottorato di Ricerca in Geografia e Pianificazione del Paesaggio per la valorizzazione del patrimonio storico-ambientale)-Dipartimento POLIS, Facoltà di Architettura dell'Università degli Studi di Genova, Genova, Itália, 2004.

MARCOS, V. de. , Construindo alternativas: a produção agroecológica através das mandalas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, III; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, II; JORNADA ARIOVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA. *Anais...* Presidente Prudente: UNESP, 2005 (CD ROM no prelo).